

75 17
D. B. M.

S E R M A Õ
N A P R O F I S S A Õ

D A R. M A D R E A S E N H O R A
M A R I A J O A Q U I N A
D E S. J O S E P H

F I L H A D O S I L L U S T R I S S I M O S , E E X C E L L E N T I S S I M O S
Senhores Marquezes de Angeja.

No Religiosissimo Mosteiro da Conceição da Luz,
em dia das Chagas de N. P. S. Francisco, estando
exposto o Divinissimo Sacramento do Altar.

Q U E D E D I C A
A O I L L . . . , E E X C . ^{mo} S E N H O R .
D. P E D R O J O S E P H
D E N O R O N H A ,

P A Y D A N O V A P R O F E S S A , M A R Q U E Z D E A N G E J A , C O N D E
de Villa-Verde, senhor desta Villa, e dos lugares de Lapaduco, Por-
tella do Sol, Rechaldeira, das Villas de Angeja, Bemposta, e Pinhei-
ro, e dos lugares de S. Martinho de Salrego, Fermelãas, Fermelainha,
Canellas, Pinheiro, e Branca, Alcaide-mor, e Cômendador de Aljezur,
de Santa Maria de Péna-macor, e do Prestimonio de S. Salvador de
Moucos, Gentilhomen da Camera de S. Magestade, seu Conselheiro,
e Vedor da fazenda, &c.

S E U A U T H O R O P .

F r . A N T O N I O D O E S P I R I T O S A N T O
A N D R A D E .

Religioso de N. P. S. Francisco, na Provincia de Portugal.



L I S B O A : M . D C C . L V I I I .

na Offic. de J O S E P H D A C O S T A C O I M B R A .

Com todas as licenças necessarias.

L2917

2/8109



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

ILL.^{MO}, E EX.^{MO} SENHOR.



E a arte de imprimir se inventou para conservar na posteridade dos seculos aquellas ac-

* 2

çoês

çoões heroicas , que com a sua veneravel memoria servem de assombro , e de erudição para os futuros , fica desculpavel a confiança de se pôr na publicidade do prélo este Sermaõ ; porque o não move a vaidade de apparecer , senão a virtude de publicar a todo o mundo , è fazer permanente na sua memoria a heroica resolução da senhora D. Maria Josefa de Noronha , que se fez admiravel no nosso seculo , e se fará fructuosa para os vindouros , servindo de lição para os futuros , o que serve de assombro para os presentes ; porque a santa , e invariavel resolução com que esta senhora deixou na flor da idade , e na esperança da melhor fortuna tudo o que o mundo mais ama , para que clausurada nos apertos do religiosissimo Mosteiro da Conceição se prohibisse para sempre

pre a todas as delicias , de que se compõem a bemaventurança da terra , o generoso animo , com que desceio do throno da mayor soberania , em que a pôs o nascimento na primeira ordem da grandeza , para subir ao altar em que se consagrou a Deos como viçtima da mayor mortificação , he huma empreza tão difficulosa ao coração humano , que se Deos não lhe inspirara o designio pela sua graça , e lhe fortificara a execução pelo seu premio , não caberia na fragilidade das forças humanas : Esta razão , porque os Santos Padres lhe chamaõ o mayor heroismo , he a que me obriga a publicar este Sermaõ ; para que no seu objecto se aprenda o desengano mais fructuoso na lição da mais nobre heroicidade , e no seu assumpto se leaõ as consideraçõs , que desvanecem os
te-

temores , com que se olha para este
santo estado , e se quebrem os laços ,
com que o mundo embaraça as crea-
turas para o seu amplexo ; e como
importa , que vá seguro no credito ,
ja que está obrigado a publicar-se
na estampa , só em V. Excellencia
devo buscar esta protecção ; não só
porque bastará ler-se nelle o seu so-
berano nome , para que o mundo o
veja com respeito ; mas porque ten-
do de casa o mayor Mecenas , não
devia buscar em outra parte o pa-
trocinio : nem quem firma os olhos
no Sol fica com vista para o exame
de outro objecto. A circumstancia
de Pay desta Excellentissima Se-
nhora , com as qualidades de hum
perfeito Principe , que adornaõ a
V. Excellencia para a veneração
universal , tambem obrigaõ a sua
bondade para a particular protec-
ção

ção deste papel ; e me persuado , que a generosidade do seu espirito , a excellencia da sua virtude , e a grandeza do seu nascimento , não desprezaráõ este acto de devoção , que lhe dedico ; porque nasce de hum affecto , que se pudesse conferir a V. Excellencia quanto deseja , nunca lhe faltariaõ nem os incensos para o culto , nem as estatuas para a veneração . Bem discorro , que neste obsequio poderei renovar-lhe o preciso sentimento , que lhe causou a separação de hum objecto tão amavel pela qualidade das virtudes , pela bondade do genio , e pelos laços do sangue ; mas como em V. Excellencia prevalecem os sentimentos da Religiaõ aos da natureza , deixará penetrar-se de huma santa alegria , na certeza , de que se he muito o que per-

~~onde~~ nesta separaçãõ , ainda he
mais o que esta Senhora ganha no
seu retiro , e não deve ser assumpto
para a pena , o que he argumento
para a gloria : he verdade , que
bem podia buscar o Ceo por outro
estado menos austéro , e para V.
Excellencia menos saudoso , como
lhe teria preparado , e persuadido a
sua admiravel conduçta ; mas co-
mo esta Senhora estava destinada pa-
ra huma virtude mais perfeita , e
mais heroica , nem a sua vontade
podia resistir a hum auxilio tão po-
deroso , nem o amor de V. Excel-
lencia deve mostrar sentimento em
huma resoluçãõ tão santa ; e se ainda
assim lhe for custoso este retiro , só
deve criminar aquella excellente , e
virtuosa educaçãõ , que lhe deu , de
que se seguiu esta resoluçãõ , que
agora o enternece : a santa doutri-
na ,

na, que semeou no seu coração fez fructificar esta virtude; e se o fructo foi mais copioso do que V. Excellencia queria, tenha a consolação, que se a presença de huma filha tão amavel não faz o prazer dos seus olhos, as orações de huma Esposa de Jesus Christo farão a mayor felicidade da sua casa, conhecendo como razão mais efficaz para o seu allivio; que se esta Senhora veyo ao mundo para ir para o Ceo, bastava, que viesse, e não era necessario, que se estabelecesse nas suas fortunas; porque não deve fazer estacão nas confusões do seculo, quem nasceo para viver nas delicias do Paraiso; e mais gloriosa será para a sua alma, e mayor honra para a casa de V. Excellencia, que morra santa, do que viva magestosa. Com estas santas considerações deve V. Excellencia vencer todas as paixões do affecto, e

**

che-

cheyo de huma virtuosa alegria ren-
der a Deos muitas graças , de que
dêsse a esta Senhora huma taõ heroi-
ca , e effectiva vocaçãõ , que fez co-
nhecer ao mundo a efficacia da Divi-
na graça , e poderá persuadir-lhe hu-
ma imitacãõ gloriosa do seu religioso
espírito. Alegre-se V. Excellencia em
considerar na sua illustre casa mais
huma heroína da santidade ; porque
no Religiosissimo Mosteiro da Con-
ceicãõ, que elegeo para a sua clausu-
ra , aonde as virtudes , e os bons ex-
emplos sãõ vivas , e contínuas liçoẽs
da piedade, e da Religiaõ, nos põem
na bem fundada esperança , de que
sempre será fiel ás inspiraçoẽs do Ceo;
porque tem nos exemplos huma con-
tínua , e edificante liçãõ, e na vonta-
de hum prompto, e effectivo espirito ;
e Deos que fez nascer no seu cora-
çãõ taõ santas intençoẽs, as fará fru-
ctificar

Etificar com a sua graça, de cujos
fructos se conhecerá a bondade da
arvore, de que sahio, senão honorifico
para a casa de V. Excellencia, o que
for fructuoso para a sua alma. Esta
he a nobreza, com que devo ador-
nar a dedicatoria, seguindo o mesmo
espírito desta Senhora, que só com
as virtudes quiz ennobrecer a sua
casa; e permitta-me V. Excellencia,
que por respeito cále o illustre do seu
sangue, a soberania dos seus titulos,
a antiguidade do seu nobiliario, e a
grandeza dos seus Heróes; porque
naõ deve subir a tanto a humildade
da minha penna; que para o Sobera-
no fez-se o respeito, e naõ a discriçãõ;
e querer examinar os rayos do Sol,
foi temeridade, que ja fez perder a
vista a Aristophanes; e com a consi-
deraçãõ, de que he muito pobre de ex-
preçoẽs a minha voz, para este obse-
** 2 quio,

quio , porque até a Fama he pobre de
linguas para o seu elogio , me aceite
V. Excellencia com esta pobreza , e
com a da offerta , para que busco a
sua veneravel protecção , tendo a
bondade completa , não só para o pa-
trocinio que busco , mas tambem pa-
ra considerar , que suppro as faltas
do entendimento , nos excessos da de-
voção , com que desejo levantara V.
Excellencia as estatuas dos mon-
tes , e fazer-lhe a pintura dos Ceos :
Deos guarde a V. Excellencia mui-
tos , e felices annos , como reveren-
temente lhe deseja

De V. Excellencia

Seu humilissimo servo , e Capellaõ

Fr. Antonio do Espirito Santo Andrade.

LICENÇAS, DA ORDEM.

Approvaçõ do M. R. P. Fr. Manoel de S. Damazo, Prégador Jubilado, Consultor da Bulla da Santa Cruzada, Academico da Real Academia, Padre da Custodia de San-Tiago menor na Ilha da Madeira, e dos Seminarios de Varatojo, e Brancanes, Ex-Custodio, e Chronista da Santa Provincia de Portugal.

**JESUS, JOSEPH, MARIA,
IMMACULADA.**

Nosso Reverendissimo Padre Ex-Ministro Géral, Commissario Géral desta Cismontana Familia.

MAnda-me V. Reverendissima rever o Sermaõ, que o R. Padre Fr. Antonio do Espirito Santo Andrade, Prégador Jubilado, e Ex-Secretario desta Santa Provincia de Portugal, recitou no Religiosissimo Mosteiro de N. Senhora da Conceiçã, e da Ordem da mesma

ma Conceição immaculada , sito no lugar ,
ou valle da Luz , junto desta Côrte de Lis-
boa , na profissão , que no dia 17. de Se-
ptembro do corrente anno , em que a nossa
Serafica Religião , e a universal Igreja an-
nualmente solemniza a portentosa impres-
são das Chagas gloriosas , por Christo S. N.
no purissimo corpo de N. P. S. Francisco ;
fez Soror Maria Joaquina de S. Jozé , filha
dos Illustrissimos , e Excellentissimos Mar-
quezes de Angeja , e que diga o que sinto
sobre elle.

Aceitando eu sempre, N. Reverendis-
simo Padre , com mayor veneração , e res-
peito , os preceitos de V. Reverendissima ,
este o recebo tambem , como lisonja do meu
gosto , pelo grande desejo , que tinha de lêr
este Sermaõ , porque não tive a fortuna de
o ouvir recitar. E posto que na lição lhe
falte aquelle férvido , e vital espirito com
que este clarissimo Orador anima os seus
apostolicos Panegyricos , com tudo , elle os
lavra com taõ facunda , e fecunda eloquen-
cia , com taõ efficaz persuasiva , e attracção
taõ forte , e suave , que quem como eu o
tem ouvido prégar , sente interiormente ,
quando os lê na estante , os mesmos affe-
ctos ,

atos, e effeitos, que experimenta, quando os ouve recitar no pulpito.

E se o maximo Doutor S. Jeronymo, escrevendo a Santa Marcella, disse, que os livros eraõ eternos, e verdadeiros monumentos, e imagens dos engenhos, ou genios dos seus Authores; eu digo, que este magistral Panegyrico, he verdadeiro, e propriissimo prototypo do ardente espirito do R. P. Fr. Antonio do Espirito Santo Andrade, que todo se dirige a persuadir nos seus Sermoës o desprezo do mundo, e sequito das virtudes, pelo caminho da cruz.

Pois nelle, em elevado assumpto espiritual, e mystico persuade este sequito, e aquelle desprezo á Illustrissima professante; a fim de mais affirmar, e estabelecer immutavel na heroica resoluçaõ, com que renunciou a nobilissima, antiquissima, e opulentissima casa de Angeja, recolhendo-se no claustro religioso, para abraçar a Cruz de Christo. Propondo-lhe para a imitaçaõ o exemplar do N., e tambem seu Patriarcha Serafico. Porque se elle renunciando a opulenta casa de seus nobres, e illustres Pays, conseguiu na Religiaõ, pelo caminho da Cruz de Christo, a gloria das suas Chagas; tambem

bem a illustrissima professante, pôde (como ascetica, e efficaçmente lhe persuade) conseguir na clausura, senão a gloria da impressão das Chagas, por ser nesta mortal vida, portento tão singular, que não cabe na imitação, e só para a admiração serve; sim a gloria da Bemaventurança, como premio dos predestinados.

A consecução deste premio, que Santo Hilario intitula *non plus ultra* de todos os bens, lhe facilitou com huma tão celebre, como peregrina, e donosa metamorphose: transformando os horrores dos açoutes, dos espinhos, dos cravos, da lança, e dos mais martyrios da cruz da Religião, que he a mesma de Christo, em fragrantas flores, e deleitaveis delicias, quando por amor do Divino Esposo se abraçaõ.

Transformação, e metamorphose, que próva, persuade, e intima com tanta erudição, energia, efficacia, e fervor de espirito, que a não preceder a este eloquente, e ascetico Panegyrico, a heroica resolução da Illustrissima professante, com tão inimitavel constancia, que triunfou das prisoões da natureza, da opulencia, e da soberania; e o que mais he, das ternissimas preces, e carinhosas

rinhosas rogativas de seus Illustrissimos, e excellentissimos Progenitores, rompendo por todas estas quasi invenciveis difficuldades, para se abraçar com a Cruz de Christo, e da Religiaõ no Claustro religioso; seria sem dũvida, poderosissimo auxilio, para a resolver a heroicidade deste mesmo obsequioso sacrificio, e holocausto.

Mas se naõ servio de auxilio, para a resoluçaõ, servirá de estimulo, para a perseverança; naõ fó á nova professa, mas a todas as mais Religiosas. Fazendo-se, que o mesmo Panegyrico, que foi documento particular, fique sendo universal motivo, por beneficio do prélo; de que o julgo dignissimo, assim pelo que deixou demonstrado, e expellido, como por naõ conter periodo, que seja dissonante ás orthodoxas doutrinas, Concilios, e Decretos da Igreja Catholica, nem aos Estatutos da nossa Serafica Religiaõ. Este o meu parecer, V. Reverendissima mandará o que for servido. Neste Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa, 12. de Novembro de 1757.

Fr. Manoel de S. Damazo.

Appro.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Jozé
de Santa Maria Medina , Lente Jubi-
lado na Sagrada Theologia , e Custodio
aactual da Santa Provincia de Portugal.*

**N. Reverendissimo Padre , Ex-
Ministro Géral, Cõmissario Gé-
ral da Cismontana Familia.**

POr ordem de V. Reverendissima ,
vî o Sermaõ da Profissãõ de Soror
Maria Joaquina de S. Jozé , filha
dos Illustrissimos , e Excellentissimos Mar-
quezes de Angeja , que no Religiosissimo
Mosteiro de N. Senhora da Conceiçaõ , si-
to no lugar , ou Valle da Luz , junto desta
Côrte de Lisboa , prégou o R. P. Fr. An-
tonio do Espirito Santo Andrade , Prégador
Jubilado , e Ex-Sacretario desta Santa Pro-
vincia de Portugal , no dia 17. de Septem-
bro deste presente anno ; e confesso na ver-
dade , que antes de o ler , fiz hum acertado
juizo da sua singularidade , sem que ponha
ao Author na obrigaçaõ , de me agradecer
o conceito : pois he tributo , que pago a to-
das as suas acçoës , e obras ; porque ja mais
o vî ,

o vi, que não admirasse nelle a mais religio-
sa modestia, nem lhe fallei, sem que ouvisse
a locução mais discreta. Assim o posso affir-
mar, sem recear que me notem de encare-
cido.

Em quanto a elogiar o Sermaõ, digo
que só o poderá fazer com equidade, quem
como elle souber transformar as mortifica-
ções rigorosas de huma vida religiosa nas
mais suaves delicias; ou como diz S. Ber-
nardo, quem tiver a efficacia do seu arden-
te espirito: *Niminem narrare posse, qui non
vivat de Spiritu, quo ille vixerit.* E não eu,
que além de me faltar huma, e outra cou-
sa, me acho revestido com a circumstancia
de domestico: *Laudet te alienus, & non
os tuum; extraneus, & non labia tua.*

Corraõ pois por conta dos estranhos,
os bem merecidos applausos de taõ douto
Panegyrico; pois nelle acharáõ mais senten-
ças, que palavras, e mais conceitos, que
syllabas; tudo com taõ admiravel uniaõ en-
iaçado, e com taõ engenhosa syncopa discor-
rido, que não só acharáõ os discretos subti-
lezas para satisfação do seu gosto, mas tam-
bem admiraveis doutrinas, para aproveita-
mento do seu espirito, que he o que recõ-
menda

D. Aug.
tom. 3.
lib. 4. de
doctr. Chri-
stian. c. 18.

menda aos Prégadores Euangelicos, o grande P. Santo Agostinho: *Oportet enim eloquentem Ecclesiasticum, quando suadet aliquid, quod agendum est, non solum docere, ut instruat, verum etiam delectare, ut vincat.* E como em nada lhe descubro, nem ainda o mais leve defeito, em tudo o julgo dignissimo do prélo. Este o meu parecer, V. Reverendissima ordenará o que for servido. Convento Real de S. Francisco da Cidade de Lisboa, 14. de Novembro de 1757.

Fr. Jozé de Santa Maria Medina.

Fr,

FR. Pedro Juan de Molina, Leitor de Sa-
grada Theologia, Theologo de la Mage-
stade Catholica en su Real Junta por la Im-
maculada Concepcion, Ex-Ministro General
de toda la Orden de Menores de N.P.S Fran-
cisco, y en esta familia Cismontana, Comissario
General, Visitador Apostolico, y siervo, &c.

Por el tenor de las presentes, y por lo
que à nós toca, concedemos nuestra bendi-
cion, y licencia, para que con el examen, y
approbacion *in scriptis* del Padre Chronista
Fr. Manoel de S. Damazo, y del Padre Ju-
bilado, y Custodio, Fr. Joseph de S. Ma-
ria, hijo de nuestra Provincia de Portugal,
puedan dar-se a la prensa el Sermon, que
ha predicado el P. Fr. Antonio del Espiri-
to Santo Andrade, hijo de la sobre dicha
Provincia, en la profession de la hija de los
Señores Marqueses de Angeja, y en todo lo
de mas se observaran los Decretos del Santo
Concilio de Trento: *Ac cæteris de jure ser-
vandis*. Dad en este nuestro Convento de S.
Berardo, y seu Comissario Ministro de Be-
lalcafar, em 30. de Septembro de 1757.

Fr. Pedro Juan de Molina,
Comissario General.

Por M. de Su Rev^{ma}
Fr. Juan Alvaro Coronada,
Secretario General por la Observancia.

DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Manoel
do Nascimento, Qualificador do San-
to Officio, &c.*

ILL.^{mos}, E R.^{mos} SENHORES.

O Sermaõ incluso, que prégou o Pa-
dre Fr. Antonio do Espirito Santo
Andrade, Religioso de S. Fran-
cisco, na Profissãõ da filha dos Illustrissimos,
e Excellentissimos Marquezes de Angeja,
em o Mosteiro da Conceiçaõ da Luz; he
legitima producçaõ do espirito, e engenho
do seu Author, e naõ contêm cousa algu-
ma contra a Fé, ou bons costumes, que
lhe possa dificultar a licença que se perten-
de, para fahir a luz pûblica. Este he o meu
parecer, VV. Illustrissimas Reverendissi-
mas, ordenaraõ o que forem servidos. San-
ta Joanna aos 2. de Dezembro de 1757.

Fr. Manoel do Nascimento.

Vista

V Ista a informaçãõ, pôde-se imprimir o
Sermaõ que se apresenta; e depois
voltará conferido, para se dar licença que
corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa 6. de
Dezembro de 1757.

Sylva. Abreu. Trigozo, Sylveiro. Lobo.

DO

DO ORDINARIO. V

Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Antonio de Santa Maria dos Anjos Melgaço, Doutor na Sagrada Theologia, pela Universidade de Coimbra, Lente da mesma faculdade, nos Reaes estudos de Mafra, Examinador sinodal da Santa Igreja Patriarchal, e Padre mais digno da Provincia de Portugal.

EX.^{mo}, E R.^{mo} SENHOR:

Satisfazendo ao preceito de V. Illustrissima, vî o Panegyrico, que na Profissaõ da R. Madre e senhora Maria Joaquina de S. Jozé, filha dos Illustrissimos, e Excellentissimos Marquezes de Angeja, disse o R. P. Fr. Antonio do Espirito Santo Andrade, Prégador Jubilado, Ex-Secretario desta Provincia de Portugal, e Digno dos mayores empregos della. Sem recurso pois a mais expressões com referir o nome do Panegyrista, tenho dado a minha approvaçãõ. Elle he taõ conhecido, e se tem feito taõ famoso em todo este Reyno, nas repetidas producções da Oratoria sagrada, que quem

quem ouve o seu nome , logo se lembra de
hum Religioso Menorita , magestoso no di-
zer , composto nas acçoës , polido nas pa-
lavras , agudo nos conceitos , claro nas ex-
posições , firme no discurso , proprio nas
Escripturas , moral nas doutrinas , ingenioso
nas rethoricas , fiel na memoria , e agrada-
vel na pronũncia , qualidades , que raras ve-
zes se achão juntas , e com felicidade se en-
contraõ neste Sermaõ , genuino exemplar
de eloquencia. Este he o meu parecer , V.
Excellencia determinará o que for servido.
Convento de S.Francisco da Cidade, em 10.
de Dezembro de 1757.

Fr. Antonio de Santa Maria dos Anjos Melgaço

Vista a informaçãõ , póde-se imprimir
o Sermaõ , de que se trata ; e depois
torne para se dar licença para correr. Lisboa,
12. de Dezembro de 1757.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

DO

D O P A Ç O .

*Approvaçãõ do P. M. Joãõ Baptista, da
Congregaçãõ do Oratorio, &c.*

S E N H O R .

V I o papel, de que trata esta petiçãõ.
Nada contêm contra as leys de V.
Magestade, porque se faça menos
digno da luz pública. V. Magestade manda-
rá o que for servido. Lisboa, na Casa de
N. Senhora das Necessidades, 7. de Janeiro
de 1758.

Joãõ Baptista.

Q U e se possa imprimir, vistas as licenças
do Santo Officio, e Ordinario; e de-
pois de impresso tornará a esta Mesa para se
conferir, e taxar, e dar licença para cor-
rer, sem a qual não correrá. Lisboa, 10. de
Janeiro de 1758.

Duque P. Carvalho. Doutor Velho.

LICENÇAS,
DO SANTO OFFICIO.

P O'de correr. Lisboa 4. de Abril
de 1758.

Sylva. Abreu. Sylveiro Lobo.

DO ORDINARIO.

P O'de correr. Lisboa 4. de Abril
de 1758.

Costa.

DO PAÇO.

Q Ue possa correr. Lisboa 6. de Abril
de 1758.

Com quatro Rubricas.

Si

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

P O de corre. Lisboa 4. de Abril
de 1758.

Sylvio. Abreu. Sylvio. Lobo.

DO ORDINARIO

P O de corre. Lisboa 4. de Abril
de 1758.

Colla.

D O P A Ç O

Q Ue polia corre. Lisboa 6. de Abril
de 1758.

Com quatro Rubricas.

Dado P. Carvalho. Dado P. Vello.



Si q is



diça
de N
fagra
alma
dia.
exec
do-o



*Si quis vult post me venire abneget
semetipsum, & tollat Crucem
suam, & sequatur me. Math. 16.*



U M heroico desprezo do mundo com as suas delicias, e hum amoroso amplexo da Cruz de Jesus Christo com as suas mortificações, são as maximas, que contêm o Euangelho para a erudição do Christianismo : os merecimentos de N. P. S. Francisco, para a impressão das sagradas Chagas, e as heroicidades de huma alma, que fazem a celebridade deste grande dia. O voluntario desprezo do mundo, que executou o nosso Santo Patriarcha, deixando-o como herança participada á sua filiação,

A

para

para fundamento da Ordem Serafica, foi o caminho por onde subio á Cruz de Jesus Christo, em que mereceo a singular graça de se imprimirem no seu corpo, como flores do amor, as Chagas, que abrio a tyrannia no Corpo de Jesus Christo, como execuções do odio; e este Serafico espirito communicado a esta alma, que hoje se consagra a Deos pela Profissaõ, he o que a fez desprezar o mundo com todas as grandezas, com que a lisongeava a posse, e a esperança; para que buscando na Religiaõ o caminho da Cruz, colhesse entre os espinhos da mortificaçaõ transitoria as flores da felicidade eterna.

S. Hieron.
lib. 3. in
Matth. c. 19.

Picin. Mun-
di Symb.
lib. 14. c. 7.
n. 48.

Desprezar o mundo com todas as suas grandezas, naõ he a mayor heroicidade do espirito; porque atéqui chegou a Filosofia do Paganismo, como nos adverte S Jernymo; mas despreza-lo para abraçar a Cruz de Jesus Christo com hum amplexo, que só poderá dissolver a morte, esta he a Theologia, que hoje nos ensina o sancto Euangelho; porque como neste amplexo da Cruz se representa o estado da Religiaõ, como nos faz entender o Picinelo: *Crucis nomine*

Mo-

Monasterium intelligere licet, he sem dũ-
vida, que este Euangelho se termina ao con-
selho da vida religiosa, que por isso nos tres
verbos, de que se compõem o Thema, se
incluem os tres votos da sua Profissãõ: *Ab-
neget semetipsum, tollat Crucem suam, &
sequatur me.* O voto da Obediencia na abne-
gaçaõ da propria vontade, o da Castidade
na cruz, e na mortificaçaõ da carne, e o da
Pobreza no sequito, e na imitaçaõ de Jesus
Christo, como expõem o meu S. Boaven-
tura: *Ex quo elicitur triplex consilium, &*
votum Religiosorum, scilicet obedientie in
abnegatione, castitatis in cruce, & pau-
peritatis in subsecutione.

Apud Pol.
tom. 3. p. 2.
collat. 11.
n. 3334.

Desta doutrina, e exposiçaõ de S. Boa-
ventura, venho a inferir, que deixar tudo
sem seguir a Jesus Christo no caminho da
sua Cruz, serã huma cerimonia vãa, que
tenha por consequencia a miseria, e o arre-
pendimento; querer abraçar a Cruz, e a
mortificaçaõ de Christo, sem deixar as gran-
dezas da terra, serã huma virtude commua,
que sujeita ás inconstancias do mundo, nun-
ca chegarã ao eminente grãõ de perfeita;
mas a observancia destes dous conselhos

ferá encher todo o espirito do Evangelho, com que a alma chegue a entrar na ordem superior da perfeição Catholica, pelo amoroso amplexo da vida religiosa; e esta lição do Evangelho, que despertou o Serafico espirito do Nosso P. S. Francisco, para fazer na sua rigida observancia o heroico merecimento, e a sublime gloria, com que hoje o festejamos, he a maxima, por que se governou esta alma, que na Profissão religiosa quer hoje executar a mayor heroicidade do seu espirito, e estabelecer na observancia o infallivel premio da sua gloria.

He verdade, que tróca a soberania, e a grandeza do mayor Senhorio, pela sujeição da Obediencia, em que voluntariamente se prende; as copiozas riquezas da sua magnifica casa, pelos apertos da mais rigorosa Pobreza; os laços de hum illustre no, e venturoso Hymenêo, pelo preceito inviolavel da sancta Pureza; o throno, em que se eleva a fidalguia da terra, pela cruz, com que se abração os grandes do Ceo; e a delicia das flores, com que o mundo lhe lisongeava os passos, pelo mortificante das chagas, para que a Religião lhe convida a constancia; e tal-

da M. Maria Joaquina de S. Joseph. 5

e talvez que esta tróca desafiasse a sevéra critica de huns , e a falsa compaixão de outros : mas he preciso para ser objecto especial do amor de Deos , ser assumpto da contradicção do mundo, e conhecer, que o mesmo que na liberdade do seculo affusta os corações mundanos , como horror , he o que na austeridade do claustro alegra as almas , como delicia ; porque o voluntario amplexo , com que se abraça a Religião , faz deleitavel o caminho da cruz , que na realidade he penoso.

Este pensamento , de que pertendo compôr a materia do assumpto , he doutrina de S. Bernardo , que ensina ás almas , que seguem a Jesus Christo no caminho da Religião , que a sua cruz não he rigorosa ; porque a graça de Deos , que as acompanha , dulcifica , e faz deleitavel a sua mortificação : *Verè crux nostra inuncta est per gratiam spiritus adjuvantis , suavis , & delectabilis est pœnitentia nostra* ; porque como quem busca voluntariamente a Religião , não aceita a cruz , como jugo , senão como ornamento , fica sendo para a sua alma delicia estimavel , a que se representa aos mais ,
como

S. Bernard.
Serm. 1. de
Dedic. Ec-
cles.

como peso insoffrivel ; e se o premio do Ceo , com que Christo acaba o Euangelho , ha de crescer na grandeza da gloria , regulado pela medida dos merecimentos : *Redet unicuique secundum opera ejus* : nenhuma cruz parecerá pesada , e todo o martyrio da Religiaõ se fará suave na esperança deste feliz premio ; e as austeridades do claustro , que por fóra parecem mortificantes aos olhos do mundo , no gostoso amplexo da Religiaõ , não só se suavisaõ para o peso , mas chegaõ a ser deleitaveis para o gosto : *Suavis , & delectabilis est pœnitentia nostra.*

Esta consequencia , que deduzo da exposiçaõ do Euangelho , e da authoridade , e experiencia de S. Bernardo, he a materia, de que vou fazer o elogio da vida Religiosa , para canonizar a heroica resoluçaõ desta nova Esposa de Jesus Christo , e lhe mostrar a suavidade da cruz , que quer profesar na Religiaõ. O diviniſſimo Sacramento do Altar , que com a sua adoravel presença vem fazer magnifico , e solemne o sacrificio da sua Esposa , tambem lhe ensina esta doutrina, sobre que vou discorrer ; porque desprezando , e anniquilando naquella Hostia toda a

substan-

da M. Maria Joaquina de S. Joseph. 7

substancia da terra, allì nos mostra huma cruz penosa; porque representa a sua Paixão: *Recolitur memoria Passionis ejus*; mas na realidade huma Bemaventurança feliz, porque he o penhor da gloria: *Futurae gloriae nobis pignus datur*; e seguindo a doutrina do Cordeiro, de que he Esposa, a imitação de Francisco, de que he filha, e a lição do Euangelho, de que he professora, verá na materia do discurso, que a cruz da Religião, por que despreza o mundo, he suave, aindaque se representa mortificante. Esta he a deducção do Euangelho, e o argumento do assumpto, que entro a provar; e principio.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

Tanto amou Francisco a cruz da Religião, que instituio, que depois de se crucificar nella para o mundo, desejava, como S. Paulo, crucificar-se nella com Jesus Christo; e este serafico desejo foi taõ penetrante ao coração do Filho de Deos, que dando ao Monte Alverne os privilegios do Monte Calvario, allì lhe imprimio, ornado da gala do amor, porque vestido das azas dos Serafins, aquellas mesmas Chagas, que
tinha

tinha recebido pela maõ dos homens. Im-
mensa foi a gloria , e a honra , que Francis-
co recebeu nesta sagrada impressãõ ; mas taõ
vivo foi o sentimento , e a dôr , que lhe pe-
netrou o espirito , que infallivelmente pade-
ceria a morte , a naõ lhe sustentar a vida o
mesmo , que lhe permittia o tormento , dis-
pondo a altissima Providencia , que as mes-
mas Chagas , que eraõ o melhor ornamento
da sua gloria , fossẽ logo o mesmo incenti-
vo da sua dôr ; para que entendessẽmos , que
era juntamente delectavel , e gloriosa a mes-
ma cruz , que na Religiaõ he mortificante ,
e dolorida ; e nesta milagrosa confusaõ de
martyrios , e de glorias mereceo Francisco
as Chagas , em que recebia a vida , e expe-
rimentava a morte , podendo dizer com mais
propriedade , que S. Paulo , que era huma
viva imagem do Redemptor ; porque no seu
corpo tinha impressas em caracteres de san-
gue as mesmas Chagas , que Jesus Christo
recebeo na sua Cruz para redempçaõ do
mundo : *Stigmata Domini Jesu in corpo-
re meo porto.*

D. Paul. ad
Galat. c. 6.
n. 17.

Se agora fizermos a Francisco a mes-
ma pergunta , que os Anjos fizeraõ no Ceo a
Jesus

da M. Maria Joaquina de S. Joseph. 9

Jesus Christo , quando o viraõ com as suas Chagas : *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum ?* Poderá responder-nos , que são os fructos , que lhe produziõ aquelle desprezo , que fez do mundo , e de todas as suas riquezas , que são as flores , que colheo na arvore da Cruz , que professou na Religiaõ ; e que são os premios , que mereceo pela profunda Obediencia , com que se prostrou aos pés dos homens , pela rigorosa Pobreza , que amou como sua esposa , e pela Castidade incontaminada , que o uniu , e identificou com Jesus Christo. Este desprezo heroico do mundo , e este sacrificio voluntario de si mesmo , com que Francisco professou na Religiaõ os seus tres votos , crucificando nella os affectos da vontade propria , as felicidades do mundo , e as rebeldias da carne , foraõ as sagradas premissas , de que se seguiu a consequencia das suas gloriosas Chagas ; e como este grande favor he hum dos privilegios , que Jesus Christo prometteo a todos os predestinados da filiaçaõ Serafica , bem póde esta nova filha entrar na esperança , de que tambem conseguirá este privilegio ; porque segue a Jesus Christo pelo mes-

Zach. c. 13.
num. 6.

B

mo

mo caminho de Francisco, e pela sua mesma filiação; e se o não iguala na candidez da victima, he sem dũvida, que o excede na grandeza do sacrificio.

Porque se Francisco tocado de huma graça interior para abraçar a voz do Euangelho, que produzio no feu espirito o movimento, e a resolução da vida Religiosa, desprezou generosamente todas as fortunas do mundo, fazendo-se insensivel ás persuações do sangue, e ás queixas da natureza; esta nova Esposa dotada do mesmo espirito Serafico, e movida da mesma voz de Deos, que foi a sua guia, e o feu oraculo, tambem fez generoso sacrificio, não de huma mediana fortuna, que poderia consumir o tempo, mas das copiosas, e estaveis grandezas da Illustrissima, e Excellentissima Casa, de que era filha, seguindo a vocação de Deos, que a fez triunfar de todas as inclinações da natureza; o amor divino, com que desprezou todas as persuações do sangue; e os conselhos do Euangelho, que lhe fizeraõ conhecer todos os vaõs discursos do mundo. Se Francisco venceu todas as contradicções, com que a politica dos pays o destinava para

outro

da M. Maria Joaquina de S. Joseph. II

outro estado mais proficuo ás conveniencias da sua casa ; esta alma Religiofa não conhecendo mais conveniencia , que as da salvação ; mais politicas , que as do Ceo ; mais nobreza , que a da alma ; nem mais Esposo , que Jesus Christo , renunciou os laços do sancto Matrimonio , que lhe promettiaõ huma posteridade respeitavel a todo o mundo na primeira ordem da grandeza ; entendendo , que conferia mais honra , e mayor nobreza á sua antiga , e illustre casa em dar a Jesus Christo huma esposa do seu sangue , que em dilatar o seu sangue em huma posteridade , que chegasse ao imminente gráo da mayor soberania do mundo.

Se Francisco aspirante fó dos bens do Ceo , não contente com abnegar todos os do mundo nas mãos dos seus parentes , e na flor da idade , em que lhe não faltavaõ fortunas , fez tambem a abnegação de si proprio , para que enchendo todas as clausulas do Euangelho seguisse perfeitamente a Jesus Christo no caminho da Cruz , e da Religiaõ ; esta grande alma chêa do sagrado ardor daquelle espirito , para seguir a Jesus Christo com huma virtude perfeita no mesmo cami-

nho , e na Religiaõ com a mesma Cruz , abnegou ao mundo , e a si mesma : *Abneget semetipsum , & tollat Crucem suam , & sequatur me* , executando este sacrificio na face dos seus parentes , a quem as ternuras do amor fazem espalhar lagrimas em lugar de flores , quando se vem obrigados a conduzir ao altar , e ao sacrificio esta preciosa vittima , que consagraõ a Deos , naõ só na primeira estaçaõ da idade , que se ama , como a flor da vida ; mas despida de todas as soberanias , e de todas as galas , que lhe cortou o nascimento , e a fortuna , de que se formãõ os principaes idolos , que o mundo adora.

E que vos falta agora , venturosa Esposa de Jesus Christo , senaõ acabar pela gloria , o que tendes principiado pela graça ? E já que seguís a Francisco na vocaçãõ , e no amplexo da Cruz , fazei por imitá-lo no premio , e na impressãõ das Chagas , naõ só depois da morte , em que as mereceis , como privilegio de todos os filhos sanctos deste grande Pay , mas ainda na vida , a que deveis aspirar pelo amor , com que vos abraçais com Jesus Christo na cruz da Religiaõ.

Fa-

Fazei, que a constancia do vosso espirito conserve na Profissão aquella firmeza invariavel, que teve na entrada; e ainda que os trabalhos da Religião vos pareçam tão mortificantes, quanto foram a Francisco as Chagas, como martyrios, tende entendido, que o amor de Deos as fará tão suaves, quanto foram a Francisco as Chagas, como glorias; porque este sancto amor he que adoça a cruz da Religião, e suavisa os seus martyrios, como venho persuadir-vos nesta doutrina. Este foi o sagrado espirito, que fez ao N. P. suave, e gostoso o incrível tormento, que padeceo na impressão das Chagas, e este será o que vos dulcifique todas as mortificações da cruz, que hides professar; porque a este sancto amor, he que corresponde a graça de Deos, adoçando de tal forte a cruz da Religião, e fazendo tão gostosas as suas mortificações, que diz S. Lourenço Justiniano, que se Deos deixasse conhecer a todos a suave doçura, e a grande felicidade da vida Religiosa, ninguem seguiria o mundo; porque todos abraçariam o gostoso, e feliz estado da Religião: *Consulto gratiam Religionis Deus occultavit, ne si cognosceretur ejus*

S. Laurent.
Justinian. de
Mon. perfect.
cap. 2.

ejus felicitas omnes ad eam confugerent.

Eu não intento persuadir que este estado he huma vida suave sem tormentos, feliz sem trabalhos, gostosa sem mortificações; porque como he cruz, precisamente ha de ter martyrios, e na consideração dos SS. PP., a vida Religiosa he hum martyrio continuado; porque não he outra cousa mais que huma fiel imitação de Jesus Christo, com que trazendo no nosso corpo as suas mortificações, como nos aconselha S. Paulo, podemos dizer com David, que somos huma victima continuada, que executamos o quotidiano sacrificio da nossa vida nas aras do martyrio, em que nos consagramos a Deos: *Propter te mortificamur tota die, æstimati sumus sicut oves occisionis*; mas esse mesmo martyrio, com que huma alma mortifica as suas paixões em obsequio do Esposo Divino, a quem ama, este he o gosto, que mais lhe dilata o coração; porque o amor do objecto, por quem se padece, faz gostoso o rigor dos martyrios, porque se passa. Esse mesmo sacrificio quotidiano, com que lhe consagra a vida, he o mayor jubilo, que lhe deleita a alma; porque no amor verdadeiro, he

D. Paul. 2.
ad Corinth.
c. 4. n. 10.

Pfalm. 43.
n. 22.

he mais activo o gosto , que tem em amar , que todos os tormentos , que padece em servir.

Fundada nesta razãõ he que dizia aquella Esposa dos Cantares (que deve ser o exemplar de todas as esposas de Jesus Christo) , que se reclinava gostosa entre flores , quando se abrafava violenta entre chamas ; porque aonde a nossa vulgata tem : *Fulcite me floribus* , lê Gislario , seguindo o rigor do Hebraismo : *Fulcite me ignibus*. E ainda que este estilo de fallar não se ajusta ao nosso modo de comprehender ; porque parece incompativel o regular-se entre flores , que docemente suavisaõ , com o padecer entre chamas , que rigorosamente atormentaõ , fica claro o seu conceito no activo , e perfeito amor do seu Divino Esposo , que lhe abrafava o coração : *Amore langueo* ; porque este sagrado objecto , por quem padecia , de tál forte lhe suavisava os tormentos , que o mesmo fogo , em que se sacrificava , era delicia , em que vivia : sim padecia , porque o amor não tira o sensitivo ; mas o gosto de padecer pelo seu Esposo a fazia estimar , como flores , para a delicia da sua alma , o que pade-

Cant. c. 2.
n. 5.

Gisl. ib. ex-
posit 2. cit.
E. fol. 276.

padecia , como chamas , para a mortificação do feu corpo ; e este amor , em que se abraçava aquella alma sancta , Esposa de Deos , he o que devem imitar todas as almas , que querem ser sanctas , e verdadeiras esposas de Jesus Christo ; e logo o martyrio quotidiano da sua vida será huma continuada delicia da sua alma ; e as chamas , em que se sacrificação amantes : *Fulcite me ignibus* , se converterão em flores , com que se recreem gostosas : *Fulcite me floribus*.

Estas são as flores , que produzem os espinhos da Cruz de Jesus Christo , com que se abraça esta nova esposa , para o seguir no caminho da Religião , que se resolve a professar ; e aindaque sabe , que todas as flores da cruz são martyrios para o tormento , o feu perfeito amor lhas faz contemplar , como Angelicas , para o jubilo ; e a Cruz , que foi theatro de penas para a morte do Esposo , será thálamo de flores para a delicia desta esposa ; que assim lhe faz entender aquella alma sancta , que com a experiencia das felicidades , que gozou neste sagrado desposorio , diz que o feu thálamo era composto de fragran-

grantes , e de suaves flores : *Lectulus noster floridus*. Bem conhecia a Esposa nas mortificações , que experimentou , que este thalamo era a Cruz de Jesus Christo , como explica o Cardeal Hugo : *Cruce autem lectus dicitur* ; mas o amor de Deos por quem as padecia , de cada mortificação lhe compunha huma gloria , e de cada espinho lhe brotava huma flor , com que vinha a ser fragrante , suave , e doce para o seu gosto , a mesma cruz , que era dolorida , pesada , e mortificante para o seu tormento.

Ex-aqui , ó venturosa alma , o como experimentareis deleitavel a mesma cruz , que vos será mortificante : nella vos haveis prender com os tres votos , que são os tres cravos com que vos hides crucificar ; mas como a esta cruz , e a estes cravos chama a Igreja doces : *Dulce lignum , dulces clavos* , porque Jesus Christo os padecia pelo amor de nós , com mais razão devem ser doces para vós , porque os padeceis pelo amor de Deos : e se a Religião he cruz , como ja dissemos , nesta cruz em que vos quereis sacrificar a Deos , para que lhe seja mais grata , e mais estimavel a victima , que lhe consagrais , de-

C

veis

Cant. c. 1.
n. 16.

Hug. ibi

veis imitar ao vosso Esposo , que para fazer na Cruz o sacrificio mais grato para o seu Eterno Pay , mais proficuo para as nossas almas , e mais heroico para o seu amor , ob- servou até á morte huma profunda obediencia , entregando-se á vontade dos homens : *Factus obediens usque ad mortem* ; huma rigorosa pobreza , despindo-se de tudo o Senhor universal de todas as cousas : *Exuerunt eum* ; e huma pureza taõ sublime , que he o exemplar , e o prototypo desta virtude ; e imitando até á morte esta santa obediencia , esta pobreza euangelica , esta pureza Divina , com aquelle heroico amor , com que se deve dispôr huma alma , que se prepara para Esposa de Jesus Christo , naõ só executareis o sacrificio mais grato para Deos , e mais proficuo para a vossa alma ; mas conhecereis com a propria experiencia , que os cravos com que vos sacrificais pelos tres votos , perdem a natureza de ferro , com que ferem para a mortificaçaõ ; e só conservaõ a qualidade de flores , que produzem para o recreyo , e que a cruz sendo a pena , e ara do mayor sacrificio , converte em doçura suave para o gosto a innata amargura , que tem para o tormento.

E com

D. Paul. ad
Philipens.
cap. 2. n. 8

Matth.
cap. 27.
n. 31.

E com esta certeza, brevemente podereis dizer com a Esposa dos Cantares, que ja descansada pela profissaõ á sombra da arvore da cruz, que tantos desvélos deveo ao vosso desejo, naõ haverá nella fructo, que naõ seja doce para o vosso gosto: *Sub umbra illius quem desiderabam sedi, & fructus ejus dulcis gutturi meo*; e seguindo o espirito de S. Paulo direis gostosa, que ja lograis a gloria, por que suspirava o vosso amor; pois nada vos será nem mais alegre, nem mais glorioso, que a Cruz de Jesus Christo, com que vos abraçais pela profissaõ: *Mihi autem absit gloriari, nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi*; e ao meyo das tribulaçoẽs da vida humana, gozareis das delicias de huma vida celeste, que esta he a definiçaõ, com que S. Gregorio Nazianzeno explica as felicidades do estado Religioso, e com a sua authoridade, estas saõ as que eu contemplo neste religiosissimo Mosteiro, em que se me representa hum côro de Anjos mortaes, que imitaõ na terra as Intelligencias do Ceo; porque naõ se occupando mais que em louvar a Deos, só amaõ ao seu Creador, só estimaõ as virtudes, só adquirem os bens

Cant. c. 2.
n. 3.

D. Paul. ad
Galat. c. 6.
n. 14.

espirituaes , e fazendo-se invisiveis a todo o resto das creaturas na estreita observancia da mayor claufura , gozaõ as doçuras de humana paz , em que vivem com gosto , e morrem com alegria ; porque o seu Esposo adocando-lhe as mortificações da Cruz , que professaõ , está executando em seu favor o que promette por David aos seus escolhidos :

Pfalm. 90.
n. 15.

Cum ipso sum in tribulatione , eripiam eum , & glorificabo eum.

Eu (diz Deos pelo Propheta) permitto as mortificações para próva , e para merecimento das almas a quem amo ; mas nefas tribulações naõ fó lhes affisto , mas tambem as ajudo ; e quando se julgaõ mais opprimidas , entaõ lhes allivio os trabalhos , e lhes converto em gloria os martyrios : *Eripiam eum , & glorificabo eum* : as almas , que faõ da minha escolha , e da minha particular vocação , deixo purificá-las nas mortificações , como o ouro na fragoa : *Tanquam aurum in fornace probavit electos Dominus* ; mas isto naõ he rigor , he providencia , para que tocando mais quilates de merecimento , lhe confira mais grãos de gloria ; porque para conseguir a felicidade do triunfo , he necessaria

da M. Maria Joaquina de S. Joseph. 21

ária a tolerancia da batalha ; para alcançar a gloria da corôa , he precisa a constancia do trabalho , que não ha palmas sem espinhos , nem gloria sem caliz. Esta verdade he taõ pura , que he a mesma doutrina , que Jesus Christo ensinou ao mundo no despacho dos filhos de Zebedeo ; porque pedindo-lhe a sua gloria , e o seu Reyno : *Dic ut sedeant hi duo filii mei in Regno tuo* , lhe offereceo a mortificaçãõ do seu caliz , em que S. Jero- nymo entende os rigores do martyrio , os trabalhos da vida , e as mortificaçoẽs do corpo ; porque haviaõ passar : *Potestis bibere calicem , quem ego bibiturus sum ?*

Matth.
cap. 20.
n. 21.

D. Hyero.
Epist. 115.

Bem poderá fer , que aos mundanos pareça , que teve muito de rigor esta resposta de Christo , e que foi grande defabrimen- to o condemnar por needade huma pos- tulação taõ virtuosa : *Nescitis quid petatis* ; porque se aquella gloria havia ser o premio da heroicidade , com que deixáraõ tudo do mundo : *Ecce nos reliquimus omnia* ; se o mesmo Christo lhes aconselhava o pedir , para a ventura de alcançar : *Petite , & acci- pietis* : parece que não devia condemnar- lhes por ignorancia , o que lhes praticava co- mo

Matth.
cap. 19.
n. 27.

Joann. c. 23.
n. 24.

mo doutrina ? esta he a philosophia dos mundanos ; mas os que seguem a Theologia do Evangelho , sabem conhecer , que supposto que aquelles Apostolos tinhaõ deixado tudo do mundo , para professarem no Apostolado a religião mais austera , mais pobre , e mais penitente , ainda naõ tinhaõ bebido o caliz do martyrio , nem padecido os trabalhos , e as mortificaçoẽs da cruz deste vida religiosa , que a professavaõ ; e para conseguir aquella consequencia da gloria , eraõ indispensaveis estas premissas do caliz , que deve beber com gosto , quem professa esta vida , naõ só como disposiçaõ para merecer o throno da gloria , mas como agradecimento á graça de Deos , que lhe fez a vocaçãõ para este estado , como nos faz entender o Propheta Rey : *Quid retribuam Domino pro omnibus quæ retribuit mihi ! calicem salutaris accipiam* , com que hei-de pagar a Deos as graças , que lhe devo ? senaõ em beber com gosto o caliz , que reparte conmigo.

Psal. 115.
n. 13.

Este he o caliz do Esposo , que a nova Esposa quer participar , e para que se offerece gostosa na sua profissaõ ; esta he a

Cruz

Cruz de Jesus Christo, que abraça voluntaria no seu novo estado para a não largar, em quanto viver, como quem conhece, que sem este caliz não ha throno, e sem esta cruz não ha gloria; e a graça de Deos, que a chamou para a Religião, lhe dulcificará este caliz, para que olhaõ os mundanos com tanta displicencia, e com tanto horror: Cuida o mundo como os Israelitas, que nunca viraõ a terra da Promissão, senaõ de longe, que o estado religioso he huma escravidão insupportavel; que a clausura he carcere penoso; que a toalha he jugo insoffrivel; que a vida religiosa he morte tyranna, tanto mais cruel, quanto mais permanente; e segundo a sua idéa não he a profissão, mais que o triste, e tragico funeral de huma pessoa, que ainda viva, se sepulta voluntariamente para sempre passar em tristeza, em lagrimas, e em arrependimento.

Mas as almas, a quem a graça illustra, e vem de perto a terra da Promissão, para que Deos as chama, conhecem, que todos esses horrores saõ monstros, que se representaõ á imaginação dos que não conhecem a doçura da vida religiosa. He verdade,

dade, que para chegar á Promissaõ da Gló-
ria, he necessario passar mares, atravessar
desertos, combater inimigos, e sopportar
trabalhos; mas Deos que conhece o heroi-
co espirito, com que he servido destas al-
mas, que o amaõ, como suas esposas, sabe
o segredo de aplainar em seu favor os passos
mais difficultosos, que lhe fazem aspero o
caminho da Religiaõ, e de adoçar para o
gosto, e para a suavidade, o que se lhe re-
presenta mais amargoso, e mais ingrato pa-
ra o soffrimento; e no meyo da fornalha de
hum fogo purificante que abraça, lhes faz
sentir a doce respiraçaõ da graça, que as
suaviza, como orvalho do Ceo, que vem
mitigar os ardores do fogo, unindo as penas
do Calvario com as glorias do Thabor, pa-
ra que o caliz dulcifique o amargoso para o
gosto, e a cruz diminua o peso para o jugo.

Este he o mysterio, que faz muito
differente o jugo da Religiaõ, que professa
hum alma, do jugo do mundo, a que somet-
tem as creaturas; porque o do mundo he
hum peso insupportavel, que as prostra na
terra até as sepultar no inferno; e o da Re-
ligiaõ, he hum sujeiçaõ suave, que nos
eleva

eleva ao Ceo até nos introduzir na gloria ; de que os Santos Padres tiraraõ o fundamento , com que se explicaõ neste ponto , pela comparaçaõ das aves ; porque as mesmas pennas , que lhes servem de peso , lhe compõem as azas com que formaõ o voo , regulando-se de tal sorte a ligeireza , com que as azas se elevaõ , pelo peso das pennas com que o corpo se opprime , que quanto mais faõ as penas , que sopportaõ , tanto faõ mais ligeiros os voos com que sóbem. Esta he a comparaçaõ , que acho mais propria , para explicar o peso da vida religiosa : sim tem penas , que mortificaõ , mas destas penas he que formaõ as azas , com que se voa para Deos : he verdade , que as azas formaõ huma cruz , quando se abrem para o voo , mas quantas mais faõ as penas , que compõem a cruz , tanto he mais ligeiro o voo ; com que sóbem as azas ; e como na Religiaõ não ha peso , a que a graça de Deos não facilite ; como não ha penas , que não sirvaõ de meyo para fazer mais leve a cruz , por isso o jugo , que no mundo opprime , na Religiaõ sublima ; e a cruz de que fogem os mundanos , porque o seu

D

peso

peço se lhes faz insupportavel , he a mesma , que multiplicaõ as almas religiosas , porque as suas penas lhe saõ deleitaveis.

Isaias c. 6. Aquelles Seraphins do throno , que no nome , e no exercicio representaõ as almas religiosas , que sempre servem , e assistem ao throno de Deos na profissãõ do Instituto Serafico , diz o Padre Castilho , que na disposiçaõ das seis azas , de que se compunhaõ , formavaõ tres cruces , com que voavaõ : *Unusquisque tres cruces effigiebat* ; e taõ activo era o gosto , com que se sacrificavaõ naquellas penas , que para sempre continuarem no amplexo das cruces ; nunca cessavaõ no movimento das azas : *Volabant* : pois seraficos espiritos , se nesses voos , com que subis , compondes tres cruces , em que vos sacrificais , para que fazeis obsequio aos martyrios na repetiçaõ dos voos ? haõ-de as azas multiplicar as cruces , no exercicio das penas : *Cruces effigiebat* ; e vós haveis repetir as cruces na multiplicidade das azas : *Sex alæ uni , sex alæ alteri* : sempre voando impacientes , com tanto gosto de padecer , que nunca tendes fôcego nos voos , para nunca teres descanso

Castilh. de
vestib. A-
aron. v. 37.
illat. 245
n. 24.

nas

nas cruces : *Volabant* ? Sim ; porque eraõ Seraphins , e nas suas tres cruces se figura-
vaõ os tres votos da Religiaõ , e quem se
sacrifica a Deos neste feliz estado , taõ suave
lhe he a cruz , com que se abraça , que o
descanço he o seu martyrio , porque o pa-
decer , he todo seu gosto.

Este exemplar dos Seraphins , que pró-
va todo o conceito do assumpto , deve fa-
zer toda a consolaçaõ desta alma , conhe-
cendo claramente , que a cruz que professã ,
e com que segue a Jesus Christo , nem he
pesada , nem he mortificante ; naõ he pesa-
da , porque as penas , de que se compõem
quando a representaõ grande , a fazem leve ;
naõ he mortificante , porque o amor , com
que se abraça , faz que os martyrios de hu-
ma cruz , seja suave attracçaõ para o desejo
de outra , e que todas sejaõ gostosas , quan-
do parecem mortificantes. Eu naõ digo ,
que a vida Religiosa he sem mortificaçoẽs ,
porque seria desfigurar este estado , o que-
rer pintá-lo sem espinhos ; digo que o orva-
lho da graça , que o Ceo continuamente
distilla sobre o claustro , converte em flo-
res , que recreaõ os espinhos , que mortifi-

ficaõ ; porque a doçura da alma só se acha na mortificaçaõ do corpo : digo , que o amor com que se abraça este estado , faz , que seja gostosa para o coraçãõ a cruz , que na realidade he pesada para os hombros ; porque o heroico amor , que sómette a alma á sujeiçaõ dos votos da Religiaõ , lhe faz gostosas as cruces , em que se sacrifica a Deos.

As tres cruces , que formavaõ os Seraphins , e em que se consideraõ os tres votos da Religiaõ , compunhaõ-se com as duas azas , que vendavaõ o rosto , com as duas que cobriaõ o peito , e com as duas , que encobriaõ os pés ; e sendo estas as penas , em que os Seraphins se sacrificavaõ gostosos por obsequio da Magestade Divina a quem serviaõ ; estas vem a ser as cruces , em que esta alma vay sacrificar-se a Deos , pela sua profissaõ , e seraõ os voos com que suba ao Ceo pela sua observancia ; e a graça , que lhe formou as azas , com que voou alegre do mundo para a Religiaõ , lhe fara gostosas estas cruces , com que suba da Religiaõ para o Ceo. Na primeira cruz crucifica os passos , para que presos pela obediencia ,

diencia , só se movaõ ás ordens dos seus superiores , e como pelo grande amor desta sujeiçaõ , he que desprezou todas as liberdades do seculo , precisamente lhe ha de ser suave , porque he o gostoso complemento dos seus bons desejos. Na segunda cruz crucifica o coraçãõ , para que morto para os bens temporaes , viva na pobreza Euangelica , que só olha para os bens eternos ; e como este affecto foi voluntario , ainda quando despersuadido , he sem dúvida , que esta cruz lhe ha de ser gostosa , porque foi eleiçaõ do seu amor. Na terceira cruz crucifica a face , porque escolheo este virtuoso Mosteiro , em que as Religiosas nem vem , nem saõ vistas do mundo ; e como nesta solidãõ só se olha para Deos , esta cruz lhe será tanto mais deliciosa , quanto mais aspera das creaturas a quem deixa , para a unir com os Anjos a quem busca.

E desta fórma multiplicando as cruces da Religiaõ , para repetir as delicias da alma , vivirá feliz , e constante nos exercicios da vida contemplativa ; e voará gostosa , e ligeira nos ministerios da vida activa , que esta he a liçaõ , que lhe continuaõ os Sera-

phins do throno , de quem diz o texto , que estavaõ , e juntamente voavaõ : *Stabant :: & volabant* : e como o focego , que he defcanço , se oppõem ao voo , que he movimento , para S. Bernardo unir esta contradicção , diz , que a estação mostrava a sua estabilidade , e o voo indicava a sua alegria : *Credo autem sic in statione immutabilitatem , sic & in volatu alacritatem promitti* : de que venho a inferir a firmeza , alegria , e agilidade , que aquelles Seraphins do throno estavaõ ensinando a este Seraphim da terra , em todos os passos da vida activa , e contemplativa , que hoje professa ; porque se o estar diz focego , aqui lhe ensinaõ os exercicios da vida contemplativa , em que ha de ser constante , e estavel na oraçãõ , na disciplina , e no Cõro : *In statione immutabilitatem* : se o voar diz movimento , e alegria , aqui lhe ensinaõ os ministerios da vida activa , em que ha de voar alegre , e diligente nos Officios da Comunidade , na assistencia das enfermas , e em todos os empregos servis da Religiaõ : *In volatu alacritatem* : com humas azas se ha de encobrir aos olhos do mundo , crucificando-se

com

S. Bernard.
Serm. 4. de
verb. Isaias.

com Jesus Christo : *Duabus velabant* ; com outras ha de voar no serviço da Religião , crucificando-se nos seus trabalhos : *Duabus volabant* ; mas sempre com alegria , como quem preferio o gosto deste estado , que professa á grandeza daquelle estado , que rejeitou , e sempre em jubilo , como quem sente a alegria espiritual da alma , nas mortificações exteriores do corpo : *In volatu alacritatem*.

Mas para que he buscar no Ceo Empyreo o exemplo dos Seraphins para a vossa erudição , se neste céo mystico , em que hides professar , tendes em cada Religioza hum espirito Serafico para muitas lições ; porque nesta eschóla da santidade todas são mestras , e qualquer genero de virtude , que quizeres exercitar , aqui tendes grandes modélos para a imitação ; e seguindo de cada huma o que vos parecer mais edificante , e mais imitavel , de humas aprendereis a paciencia inalteravel , e a humildade profunda , de outras a obediencia cega , e a caridade ardente , e de todas o amor de Deos , e das virtudes , com que sempre alegres nas mortificações , e gostosas nas austeridades ,
se.

seguem amantes ao Cordeiro Eucharístico, de quem são Esposas, e que hoje vem celebrar com vosco este sagrado desposorio, recebendo-vos alegre no seu thálamo, como huma nova Esposa, que se lhe consagra nos laços de hum perpetuo, e verdadeiro amor, como nos faz entender S. Maximo: *Sacramentum est sponsus, qui vadit ad nuptias, novam sibi perpetuæ virginittatis sponsam factururus*; sendo o dote que traz esta venturosa Esposa, o muito que deixou pelo amor do seu Esposo, para abraçar a pobreza Evangelica, a profunda obediencia, com que faz huma inteira abnegação de si propria, e a pureza perpetua, que fará indissolvel o laço do amor Divino; servindo-lhe de thálamo para o desposorio a cruz da Religião, que vay professar, na qual mereceo o N. P. S. Francisco a gloria das suas Chagas, e merecerá esta nova Esposa de Jesus Christo repetidos favores do Ceo; porque abnegando o mundo, e a si propria, se abraça com a cruz da Religião, para seguir por toda a vida ao seu sagrado Esposo, que lhe encaminha os passos, não só com exemplo da sua vida, mas tambem com a doutrina

S. Maxim.
Humil. I.
de Eucharist.

trina do seu Euangelho : *Si quis vult post me venire , abneget semetipsum , & tollat crucem suam , & sequatur me.*

Estas são as excellencias da vida religiosa , tanto mais feliz para a alma , quanto parece mais mortificante para o corpo ; este he o caminho da cruz , em que os espinhos produzem flores , e os golpes , que maltratao , são chagas , que glorificao , sendo a vocação que Deos faz a huma alma para este feliz estado , o signal evidente , de que tem particular cuidado sobre a sua salvacao ; e com esta certeza abraçai , venturosa Esposa de Jesus Christo , abraçai com gosto a Cruz do vosso Esposo ha tanto tempo suspirada do amor , que lhe tendes ; e vendo completo o vosso desejo , e o vosso desposorio , dizei ao mundo o ultimo a Deos para sempre :

Mundo falso , mundo enganador , sabe que te deixo com alegria , porque nunca te vi com gosto , conhecendo que a distincao dos titulos , e das grandezas , de que me dotastes , não são o caracte com que Deos signála os seus escolhidos ; porque estes obsequios da fortuna , são muitas vezes a origem

gem para a perdição das almas ; a vocação que Deos faz a huma creatura para o seu sequito no caminho da cruz , esta sim , esta he a destinação , e a nobreza , de que deve lisongear-se huma alma catholica. Vê as tuas grandezas , e conheci que não exhalaõ mais que o ar da vaidade , e da soberba para perdição das creaturas ; tenho experimentado as da Religião , e conheço , que tudo he nobre , tudo he santo , e tudo respira o ar da Magestade Divina a quem se serve. Seja louvado , Senhor , a infinita misericordia , que usaste commigo , tirando-me das confusões do seculo , para me conduzires para as delicias deste Paraíso taõ appetecido da minha alma , como vós sabeis na penetração que tendes de todos os coraçõs ; e ja que na vocação que me fizeste para este estado ; me distinguiste das mais creaturas , que ainda ficaõ no mundo , não permittais que eu seja confundida na massa dos reprobos. Ja que me tiraste do Egypto , fazei com que me não perca no deserto ; e para que acerte o caminho da Promissãõ da gloria , para que me chamais , sejaõ os vossos santos auxilios a columna , que me guie ; o vosso
ado-

da M. Maria Joaquina de S. Joseph. 35

adoravel corpo o manná que me sustente ;
a vossa sagrada Cruz a vara que me metta
na terra da Promissaõ : assim confio na vos-
sa infinita bondade , porque como conhe-
ço que me chamou a vossa graça , devo
esperar que me façais merecedora da vossa
Gloria. Amen.

F I M.

Faculdade de Filosofia
Ciências Exatas
Biblioteca Central



33/5109

de M. Marin Jaspina de S. Joseph. 22

adoravel corpo o manar que me sustentou;
a vossa sagrada Graça a vossa que me nutria
na terra da Promissão: assim como na vos-
sa infinita bondade, porque como con-
go que me chamarei a vossa graça, devo
existir que me fazeis merecedor da vossa
Gloria. Amen.

F. I. M.

Biblioteca de Flossols
Classe de ...
Bibliotecário ...

BIBLIOTECA
17
MAI
1911